

SINTESE DOS TEMAS DE ESTUDO
DA CAMINHADA SINODAL DIOCESANA

Capítulo I – Cultura contemporânea

1. 1. Constatações dominantes

1. A cultura contemporânea mostra-se particularmente sensível ao caráter fragmentário em que proliferam as formas mais variadas e antagônicas de pensar, querer, sentir, crer, amar e, até mesmo de nascer e morrer. Os princípios que apontavam os limites do que o pensamento poderia admitir perderam valor; as normas morais a que a lei natural impunha limites inamovíveis tornaram-se maleáveis. Instalou-se o **relativismo** que só aceita sujeitar-se às regras e concepções que a razão humana é capaz de descobrir por si mesma. Perderam interesse as grandes questões que os sistemas de pensamento davam proteção e instalou-se, em seu lugar, a hermenêutica da ordem-do-dia.

A **secularização (secularismo)** é outra expressão muito clara da cultura contemporânea. As pessoas esqueceram-se do seu próprio desenvolvimento pessoal e espiritual, dos valores morais e **criou-se uma «era do vazio»**. Foi-se criando a mentalidade de que basta ser uma boa pessoa, fazer o bem sem necessidade de uma procura espiritual com verdadeiro sentido. Nota-se de uma forma muito acentuada a ausência de Deus na cultura contemporânea com maior incidência nas famílias. Dá-se uma evolução sem Deus. Isto faz com que a evolução em vez de ser um progresso se torne num retrocesso.

Há sinais de alerta na nossa cultura atual: o fenômeno da **comunicação**, como a internet em que todos os dias somos bombardeados com imensa informação, sendo que muita dela vem-se a confirmar que é dúbia e muitas vezes falsa. É uma sociedade marcada por uma dupla vida, assente nas redes sociais, o que influencia o modo de comunicação e de se relacionar, nomeadamente numa crítica e ataque *ad hominem*, que se verifica nas redes sociais.

Neste tempo caracterizado pelo **mediatismo** somos levados a usar autênticas próteses tecnológicas que nos possibilitam exponenciar as capacidades humanas em que ficamos, por um lado robotizados e por outro suscetíveis de um consumo favorável, no mundo essencialmente capitalista, onde os sinais de alerta passam por uma banalização do pecado e pela desresponsabilização em relação à fé do outro em virtude do egoísmo próprio de quem vê na máquina a solução até para a solidão.

A nossa cultura, **época da pós-verdade**, caracteriza-se pelo materialismo, a indiferença, o individualismo, a superficialidade e o secularismo generalizado. Acresce a isso o vazio existencial, que é preenchido pelos divertimentos e espetáculos. Os valores da liberdade (mesmo contra a vida humana) e da dignidade da pessoa humana são tidos como os mais importantes da sociedade. A par disto existem tensões e divisões, que se expressam na luta entre o bem e o mal.

2. Há uma **valorização do económico em detrimento da pessoa**, cultura do lucro e da primazia das aspirações individuais, com pouco espaço para a integração e interação em contextos comunitários e vocacionados para o bem comum. Perdeu-se o sentido de partilha, o convívio com os vizinhos, a amizade e o bem viver com todos. Estamos perante uma cultura economicista, competitiva, pois o que interessa é aparentar o «ter» e não o «ser».

3. Observa-se **alterações profundas no modelo da família tradicional**, que nos confrontam com novos conceitos de família. Há famílias refeitas após separação, muitas famílias de uma pessoa só, famílias de coabitação sem casamento e várias outras formulações, namorados em relação amorosa exclusiva mas que se recusam partilhar a vida numa mesma casa, famílias por casamento entre pessoas do mesmo sexo.

A **formação básica da fé** está consignada à comunidade eclesial que, no entanto, não a consegue realizar cabalmente. A família perdeu o seu papel de transmissora da fé. Acresce a isso as situações de irregularidade ou de

situações difíceis, cada vez mais comuns. Há que analisar as suas situações com objetividade e crítica.

Verifica-se uma **atitude de indiferença de muitos educadores** por relação ao crescimento humano e espiritual dos seus educandos.

4. Existe um verdadeiro **sentido crítico**, que cria um estilo de pensar, escolher e agir, mas muitas vezes enviesados por influências externas. Este modo de viver resulta no despojamento de crenças e do conforto dogmático.

Há um **desinteresse crescente na vivência e na transmissão de valores** que eram, outrora, tidos como adquiridos (Respeito, verdade, honestidade, amor ao próximo, lealdade, etc). A globalização dos anti valores, o desprezo pelo espiritual e o materialismo vêm se conjugando para fechar as portas à ética.

5. Paralelamente, assiste-se à **procura de espiritualidade** (muitas vezes longe do cristianismo), da beleza, e de novas formas de viver e comunicar a fé. Os homens e mulheres de hoje continuam a procurar sentido para as suas vidas e razões para a sua esperança.

A **arte perdeu o sentido de transcendência e de ascese**. Tornou-se essencialmente subjetiva, centrada na pessoa humana, como reflexo da predominância dos conceitos de liberdade. Reconhece-se, no entanto, que o génio e a sensibilidade são conaturais à verdade e à beleza do mistério divino. As novas formas de expressão são uma busca pelas respostas que inquietam a sociedade atual e que se reflete em toda a expressão cultural. O Cristianismo necessita de materialidade e oferece algo de novo à expressão, mas perdeu a liderança artística

Esta mundivisão cultural desafia-nos, mas permanecem **respostas inadequadas**: A Igreja sente **dificuldade em ler os sinais dos tempos**. Tem medo da mudança porque está profundamente estruturada em modelos, em grande parte arcaicos. “Como anunciar um Evangelho que não muda a uma

sociedade que muda”? (parafrazeando D. António). No entanto, a linguagem do amor renasce em cada geração.

1. 2. Propostas e desafios

1. **Tomarmos consciência destas novas formas de cultura**, tentando compreender como esta nova realidade tem impacto nas relações humanas e as alterações que se produzem na vida quotidiana das pessoas. Tomarmos consciência da mudança antropológica que vivemos: a maneira como nos relacionamos com o meio ambiente e as preocupações ecológicas da atualidade são exemplo desta necessidade de repensar categorias dadas por adquiridas. A conceção do amor e a abordagem da sexualidade são outros temas que constituem um desafio à sociedade e à Igreja. O desafio do sentido da vida que se inclui no dar sentido à morte. O que é viver e o que é morrer. Abandonar a abordagem da morte como tabu e passar a uma abordagem que inclui a morte como etapa e não como um fim.

São grandes desafios: **conhecermos melhor a cultura do nosso tempo**; termos capacidade de nos adaptarmos ao que é justo e necessário adaptar. Fidelidade ao que somos por natureza e identidade como Igreja. Produzir cultura, contagiar, mobilizar, levar os outros a experimentarem.

2. **A cultura pode e deve servir para a evangelização**. Numa sociedade plural, secular, o Evangelho tem de falar à vida real das pessoas na proposta cristã. Para isso, é necessário repensar a pastoral diocesana de forma a levar o Evangelho, de forma eficaz e adequada à cultura atual, àqueles que se encontram nas margens da Igreja. Promover um verdadeiro acolhimento aos que se encontram nas periferias desta sociedade, atentas as suas circunstâncias, anunciando Cristo a todos os que ainda O não conhecem. O primeiro passo é acolher as novas realidades das famílias, que afetam também as famílias cristãs: famílias monoparentais e reconstituídas. Reforçar a importância da família na transmissão dos valores cristãos, sociais, económicos e culturais.

A Igreja tem necessidade de assumir **posições transformadoras e criadoras de cultura**, como aconteceu ao longo da sua história bimilenária, mostrando o caminho da felicidade através de ações e exemplos.

Há que **procurar perceber** as *alegrias, esperanças, tristezas e angústias dos homens do nosso tempo* (GS1) e procurar entender os valores e contravalores da atualidade. Uma postura da aceitação incondicional da diferença, contrapondo com o acolhimento e valores firmes, desarma a crítica e converte.

Há que responder com um **sistema de valores** baseados na justiça e o reconhecimento dos direitos fundamentais da pessoa humana. Há que procurar atrair as pessoas, dando-lhes utilidade e o sentido que elas procuram. A Igreja poderá ser parte da solução da necessidade de busca, através da sua renovação interna para a resolução de problemas atuais.

Numa sociedade marcada por um ritmo frenético, a **Igreja deve oferecer alternativas** a partir da calma, da serenidade, do desapego e do silêncio.

A Igreja deve ser, ela própria, uma “produtora” de cultura que contagie, mobilize e desperte a sã curiosidade que pode conduzir ao confronto com o Evangelho.

3. Há urgência e necessidade de concretizar o **ideal cristão**. É necessário que façamos parte deste processo de mudança, vivenciando a experiência humana em lugares onde se treinem e pratiquem as virtudes espirituais e religiosas, como a família, a escola e outros grupos.

A Igreja deve olhar a **si mesma e procurar transformar-se** – novas formas de ver e viver o mundo - segundo os seus valores, principalmente na forma como atuamos. A resposta das nossas ações será sempre humana e imperfeita, correndo os riscos que acarreta a renovação.

É imprescindível a existência de um conjunto de **orientações** que possam servir de base à vida cristã. Exige-se **coerência no testemunho**, com capacidade para

nos renovarmos e termos luzes para iluminar os nossos meios. Tal implica maior unidade dentro da própria Igreja. Há que fazer a diferença no agir, pois é mais difícil re-evangelizar do que evangelizar.

Os cristãos devem ser modelos de coerência para os demais através do seu testemunho de vida (testemunho individual e comunitário). Tal deve concretizar-se em gestos de proximidade, humildade, partilha, ternura e compaixão, sobretudo pelos mais desfavorecidos, ao jeito de Jesus. Devemos ser, no mundo, imagens de Deus. Sublinha-se, com especial relevo, a necessidade de cuidar do testemunho na vida sacerdotal.

Quem vive a fé deve fazer compreender aos outros, com a sua postura de vida, que o cumprimento da Palavra é fonte da verdadeira felicidade e não um fardo. Devemos fazer sentir aos outros a “Alegria do Evangelho.”

4. Há que reforçar **a sensibilidade pela prática da Doutrina Social da Igreja**, dos direitos humanos, das minorias, dos valores religiosos que dão sentido à pessoa humana, na sua totalidade. Deverá haver flexibilidade sem perder o sentido de compromisso, através da prática do amor, da oração, do conhecimento da Palavra de Deus, maior responsabilidade comunitária.

Há necessidade de promoção da disciplina na formação e da melhoria das relações humanas. Há que educar para a valorização da **responsabilidade pessoal e profissional em vista do bem comum**, conferindo aos jovens oportunidades de inserção.

Os valores cristãos devem ser integrados e difundidos na cultura contemporânea sem moralismos nem preconceitos mas sem abdicar também dos pilares do Cristianismo. Não podemos perder a nossa identidade crente, diluindo-a. Devemos adequar a terminologia cristã às necessidades dos tempos e estar preparados para as contrariedades que surgem diante dos apóstolos de todos os tempos.

A Igreja no seu todo mas os agentes de Pastoral em particular são chamados a aprofundarem a sua **formação cristã nas suas diversas vertentes**.

Devem ser promovidas **ações sistemáticas junto do operariado católico bem como dos desportistas** próximos da Igreja. Devem igualmente promover-se, dentro e fora de portas, debates sobre a religião, coordenados por teólogos reconhecidos

A Igreja é chamada a repensar a melhor **forma de reabilitar a autoridade** que foi perdendo junto dos intelectuais, operários, jovens e populações rurais. Assim como a família ganha autoridade junto das crianças, ao revelar-lhes um universo de itinerários que elas tomam como seus e aprendem a confiar, também a Igreja só poderá recuperar o seu lugar como “sal e fermento” se a sua palavra voltar a ganhar a confiança que o mundo perdeu nela.

As escolas e os colégios católicos devem distinguir-se pela qualidade e prestígio dos docentes e discentes. Deveria ser proporcionada formação teológica pela própria Universidade dos Açores, aberta a quantos a queiram frequentar.

Somos chamados a um processo de conversão e de refontalização. No regresso à fonte, a Igreja encontrará a maneira de se afirmar no nosso tempo, com menos autoritarismo e mais autoridade, menos ritual e mais Palavra, menos indiferença e mais empenhamento, menos formalismo e mais autenticidade, menos timidez e mais arrojo para laborar em campos aráveis que não têm sido cultivados, com gente menos desanimada e com mais confiança no que a faz mover.

5. Promover maior **diálogo com a cultura** e a arte contemporânea, com sentido crítico, mesmo com objeção de consciência (se necessário). Precisamos defender aquilo que acreditamos, primando pela sinceridade, autenticidade e solidariedade. Cumpre-nos analisar e interpretar os sinais dos tempos, pondo de parte os interesses egoístas.

Necessidade de entendimento através de **uma linguagem atualizada, simples e perceptível aos cidadãos comuns**: temos de ter a capacidade de desconstruir preconceitos e ideias malformadas para que não caiamos na tentação de julgamentos errados, sobretudo aos que estão nas periferias.

6. Conceber itinerários devocionais, com rede de lugares de fé que constituem o **patrimônio material e espiritual**. Tornar as igrejas abertas e acolhedoras, destacando os elementos modestos, mas significativos. Promover atividades culturais através de viagens e visitas patrimoniais, respondendo à procura turística. Suscitar a formação e o acesso aos acervos e bibliotecas eclesiais, especializados no patrimônio cultural, cristão e profano. Exige-se novas formas de comunicar a fé: acolhimento ao jeito de Jesus, com ternura e misericórdia.

Aproveitar a **piedade popular** para divulgar e promover o conhecimento e a evangelização.

7. **Jesus Cristo deve ser apresentado como modelo e referência de vida**. Não se pode falar mais de regras e leis de direito positivo do que de Cristo, autor da nossa fé. Devemos focar-nos, antes de mais, em Cristo e na Sua Palavra.

A participação dos “cristãos militantes” nos sacramentos há-de ter uma efetiva continuidade na vida cristã quotidiana, nos meios onde os cristãos estudam, trabalham, socializam, etc.

Na ação pastoral, há que estabelecer prioridades, discernindo o essencial do acessório e valorizando o essencial.

8. Deve ser reforçada a importância e o lugar da **família como “Igreja doméstica”**. Há que ter em conta que a missão da Igreja não se confina ao espaço do domínio público.

Sugere-se que, em contexto escolar, catequético e da pastoral juvenil, sejam promovidos **projetos que promovam uma efectiva melhoria das relações humanas**. Também neste âmbito, devem ser criada uma atitude de

proximidade por relação às novas gerações, procurando compreender os seus anseios e esperanças.

9. **Há que atender continuamente às periferias**, criando laços e acolhendo fraternalmente. A Igreja deve ser uma Mãe que acolhe com alegria e como um “hospital de campanha”, segundo o Papa Francisco. Deve evitar-se a todo o custo a atitude de crítica por relação a tudo e todos.

Deve ser **vencido o medo paralisante** que por vezes ainda impera por relação ao mundo contemporâneo e às suas expressões. A Igreja não se deve esconder atrás dos seus dogmas. Deve despojar-se do que é humano, sair da zona de conforto e enfrentar os receios e as inquietações do mundo.

10. **Há que treinar a capacidade de escuta**. Só assim se poderá conhecer melhor a cultura do nosso tempo e as suas provocações/inquietações. A Igreja deve procurar perceber como é o mundo dos Açores e o seu contexto cultural, quais são os sinais mais evidentes da cultura contemporânea nos Açores e ver como é que os cristãos dialogam com ela. Os desafios da cultura devem levar-nos a uma reflexão sobre o Homem e sobre o mistério da sua existência.

Deve cultivar-se a **capacidade de estar, a capacidade de denúncia e o ir mais além** na paciência para ver que Deus está antes de nós no mundo e que o Reino de Deus acontece.

11. **As novas tecnologias e estradas de informação** devem ser cada vez mais e melhor aproveitadas para a Evangelização. Citem-se, como exemplo, as iniciativas virtuais ao estilo da Campanha do Advento e da Quaresma do Serviço de Catequese, entre outras iniciativas louváveis que surgem nas diversas comunidades.

Capítulo II - Análise Social e económica

2.1. Constatações dominantes

Os Açores, não obstante, serem considerados um arquipélago paradisíaco, com excelentes condições para atividades ligadas ao mar e à natureza, enfrentam uma série de condicionantes que afetam as condições de vida das pessoas, em alguns casos, não se garantindo os direitos fundamentais a uma existência digna.

Sinais positivos:

O parque habitacional da Região encontra-se em bom estado de conservação, em comparação com a média do país;

A população açoriana vive, em média, com alguma dignidade, uma vez que possui o mínimo para as necessidades básicas, nomeadamente para a habitação, saúde e ensino;

O crescente do papel da mulher no mundo do trabalho e na sociedade em geral;

O turismo, a partir de 2015, tem-se assumido como uma importante atividade económica, ao nível da criação de emprego e do incremento do rendimento disponível de diversos agregados familiares;

O papel das IPSS e de algum voluntariado no apoio à comunidade e no combate à pobreza;

Evolução da taxa de pré-escolarização dos 3 aos 5 anos, na rede pública e privada;

Melhoria dos apoios aos idosos, nomeadamente, no que concerne ao apoio ao domicílio e no reconhecimento do cuidador informal;

Diversas políticas de investimento e prioridade às pessoas, promovidas pelas diversas instituições governamentais (regionais, nacionais e europeias), sociais, culturais e desportivas.

Sinais negativos:

Somos a Região com maior taxa de pobreza e exclusão social; nos Açores 12 % da população encontra-se em privação severa, o dobro do mesmo índice a nível

nacional; e 33% de pessoas abaixo do limiar da pobreza. Constatamos que os Açores é a região do país com a maior taxa de pobreza. Em 2017 (31,6%), com larga distância em relação às restantes regiões, principalmente às do Continente. Comparativamente à média nacional (17,3%), a taxa açoriana representa quase o dobro da taxa de pobreza (*dados que constam do texto base de reflexão*).

Temos um elevado número de agregados familiares que recebem o Rendimento Social de Inserção (RSI), que pode levar a uma cultura de facilitismo;

O PIB da Região – em 2017, o PIB per capita era de 16,9, enquanto que a nível nacional era de 18,9;

Face à baixa natalidade, assiste-se a uma desertificação das ilhas mais pequenas e envelhecimento das populações;

A Região apresenta uma menor esperança de vida e uma maior taxa de obesidade, em relação à média nacional;

O baixo nível de escolaridade e elevado abandono escolar;

Falta de recursos e oportunidades em consequência da nossa insularidade;

Embora a taxa de desemprego tenha vindo a descer nos últimos anos, continuamos a ter uma taxa superior à média do país.

O trabalho precário.

A violência doméstica.

A toxicod dependência.

A solidão dos idosos.

A saúde mental.

2.2. Propostas e desafios

1. Promover uma ação articulada entre diversos serviços que, na Igreja, atuam na área social, de modo a partilhar recursos, favorecer as sinergias, eliminar duplicações e chegar a todos, especialmente, à pobreza envergonhada;

Estabelecer parcerias com outras instituições públicas ou privadas que estejam na área socio-caritativa, com o objetivo de estabelecer uma rede que torne a nossa ação mais eficaz, desenvolver uma pastoral do encontro entre as pessoas, de forma a criar-se pontes, uma pastoral de proximidade;

Não cabe à Igreja liderar os processos sociais, mas cabe-lhe influenciá-los;

2. Identificar e trabalhar as causas da pobreza, muitas vezes, associadas à desorganização da vida familiar e da falta de planeamento ao nível do orçamento familiar;

Criar/Reativar organismos de solidariedade social;

3. A Igreja deve ter uma opção clara pelos mais desfavorecidos, pelo seu próximo, investindo na sua formação e na valorização das suas capacidades;

Promover e sensibilização de leigos formados para colaborar com as instituições;

Despertar os Jovens;

Sermos comunidades mais contidas e pobres no uso da gestão da "casa comum";

Devemos denunciar casos que desumanizem a pessoa no que diz respeito às carências efetivas, violência e dependências, ser voz profética da Igreja;

Promover a partilha fraterna nas comunidades cristãs;

4. Dinamizar as instituições de apoio social em todas as ilhas, cáritas, conferências vicentinas, centros sociais...

5. Incentivar o trabalho social das Santas Casas da Misericórdia

Capítulo III – Identidade religiosa e eclesial

3.1. Constatações dominantes

1. **A realidade social e cultural da Igreja nos Açores mudou.** O crescente laicismo acabou por se infiltrar e muitas pessoas ligadas à Igreja nas nossas comunidades não ficaram imunes, deixando-se influenciar por essa corrente, o que tem causado o afastamento da prática religiosa.

As pessoas, não obstante se considerarem católicas, **sentem pouco a presença da Igreja no seu dia-a-dia**, sobretudo, as que se encontram mais afastadas ou nas periferias sendo, portanto, urgente encontrar caminhos de saída ao encontro fraterno das ovelhas perdidas do nosso tempo e das nossas comunidades.

O excesso de informação e desinformação existente e o acesso tão facilitado e abusivo do telemóvel e redes sociais muitas vezes contribuem para **um isolamento pouco saudável**. O conceito de comunidade é usado muitas vezes de forma certa mas processado de forma errada. O partilhar e pôr em comum deu lugar ao egoísmo, ao “eu”.

A Diocese no seu todo, as paróquias e os organismos da Igreja são distantes e inacessíveis. Há um aparelho e uma série de conselhos que tornam tudo pouco funcional. Há demasiadas capelas, grupos fechados em paróquias e movimentos. É preciso existir comunhão e partilha entre paróquias e movimentos, gerando ligação, promovendo sinergias e amplificando a Boa Nova.

O povo açoriano apresenta-se, ainda, com uma **abertura ao anúncio do Evangelho, mas sempre mais através das suas manifestações de fé e culto.**

A religiosidade popular precisa de ser purificada, uma vez que por vezes as várias festividades em vez de unir afastam ainda mais as comunidades pois não se preocupam com a mensagem que o Evangelho transmite, mas sim com as tradições.

A Igreja embora presente no mundo dos Açores **não tem quantitativa e qualitativamente uma presença de influência evangélica no mundo real** das nossas ilhas. Tem dificuldade em ter uma leitura real dos problemas atuais e muito mais em fazer uma leitura crente da atualidade.

A presença da Igreja nos Açores tem na sua **hierarquia um estilo distante** e na sua ação uma forte marca clerical, com uma linguagem pouco acessível. As instituições eclesiais são pesadas e pouco funcionais em estilo atual.

2. A Igreja está desacreditada porque tem uma linguagem do passado. Não acompanhou a evolução da ciência e da tecnologia. Urge outro tipo de informação mais apelativa, convincente e atual. Embora esta realidade dê alguns sinais de estar a mudar, a Igreja continua afastada das autoestradas da comunicação (meios de comunicação social, internet, redes sociais, correio eletrónico, etc.).

Constata-se que **muitos aspetos complicam e bloqueiam a vida pastoral das comunidades** paroquiais. As pessoas fazem a sua vida e vivem os seus problemas sem terem as comunidades como suas procurando-as só nas alturas dos serviços religiosos e litúrgicos com pouca participação na vida das mesmas

Há uma falta de comunicação entre o Centro da Diocese e as comunidades, excesso de burocracia, informatização incipiente e quase não uso das novas tecnologias. Por outro lado, não obstante a caminhada diocesana a realidade dos Conselhos Pastorais a nível de corresponsabilidade e de ação é diminuta. Pouco protagonismo laical e necessidade de temas mais simples para a sua funcionalidade real.

3. **Existe uma minoria de cristãos comprometidos**, mas que infelizmente a muitos deles, quer por questões de idade, quer por apego às tradições, é-lhes difícil adaptarem-se às mudanças da atualidade, limitando-se muitas das vezes a uma pastoral de manutenção, com fraca consciência de comunidade, e dificuldade de unificação entre a oração e a vivência. O clericalismo continua a ser uma tentação presente e a maior parte dos leigos não sente a necessidade de pertença à comunidade.

A Igreja na sua militância e prática dominical é constituída por gente de idade avançada, conservadora e rotineira, explica a doutrina e organiza-se sempre da mesma maneira. Integra pouca gente nova e tem um ritmo pouco atual. A falta de testemunho dos ministros e leigos desacredita a Igreja. Há pouca criatividade e fantasia no processo de se fazer os cristãos, no celebrar e no empenhamento social. O ar e estilo são severos e tristes.

4. **O acolhimento às pessoas e aos seus problemas é deficiente** e as estruturas e instâncias de acolhimento são muito do tipo oficial e de funcionalismo. Os que estão em situações de vida e em dificuldades deparam-se com muitas normas e regras e com disparidade de critério na resolução dos seus problemas na acessibilidade aos serviços religiosos e aos sacramentos.

A ação da Igreja tem uma certa **difficuldade em ver a especificidade sócio cultural e económica de cada ilha**; e do ponto de vista pastoral é marcada em demasia pela piedade popular ou religiosidade pouco trabalhada na evangelização; assim como por um itinerário catequético pouco consistente para todas as idades e com uma pastoral social pouco coordenada.

5. Atualmente, ainda nos deparamos com uma **visão autossuficiente das paróquias** onde prevalece uma ideia de paróquia fechada, apenas a trabalhar para si. Tal discernimento é explicado por questões históricas, culturais e até mesmo geográficas e fundamentado no facto das paróquias apresentarem especificidades que as distinguem das restantes.

As paróquias vivem muito fechadas sobre si próprias necessitando de uma renovação e nova estruturação nas cidades. É necessária uma maior autonomia para as Ouvidorias e que se perceba qual a verdadeira relação com as Vigararias Episcopais para que não sejam super-estruturas.

6. Sendo a Palavra de Deus eterna, falando a todos os tempos, importa compreendê-la à luz da atualidade, e para tal é necessário ter formação. Embora se compreenda que nunca houve como agora tanta oferta formativa, também nunca como agora houve tanta falta de interesse e embora se pense que mais formação traz melhor desempenho, a verdade é que não se está a conseguir cativar as camadas mais jovens, que mostram desinteresse.

A formação que não é apenas transmissão de conhecimentos. Se o sujeito de edificação da Igreja é todo o povo de Deus, a formação deve atingir todo o povo, os agentes de Pastoral e os Ministros Ordenados (Presbíteros, Diáconos e os futuros presbíteros).

A formação básica do povo de Deus é fraca, não obstante, toda a oferta de Ações de Formação. Os agentes de pastoral têm ações de formação mas necessitam de um plano concertado e mais profundo.

A formação dos futuros presbíteros deve ser melhorada não só num maior discernimento dos candidatos ao sacerdócio, bem como na sua formação intelectual que deve terminar com um grau académico. Fala-se na necessidade de implementação do Diaconado Permanente e de um plano bem feito para a formação do Clero.

A formação deve ser teórica e prática com conteúdos atuais de várias ordens, uso das novas tecnologias, em regime presencial e à distância e com uma equipa multidisciplinar ao serviço da Formação.

7. No que respeita aos jovens, estes são influenciados por um forte pensamento ateu e veem na ciência as respostas para tudo. É-lhes comunicado que se pode viver bem sem Deus e sem ter relação espiritual com o Evangelho. Estamos perante uma geração vazia de espiritualidade evangélica.

Na catequese paroquial, sentimos falta de apoio das famílias. Os pais demitiram-se do seu papel de primeiros educadores da fé dos seus filhos. Muitas vezes a criança só ouve falar em Deus na catequese, no encontro semanal. A criança hoje, tem tudo em casa, não sai para conviver, para dialogar.

Aponta-se a paróquia e a Ouvidoria como lugares de formação com referência às Escolas de Formação Cristã da Ouvidoria em parceria com o Instituto Católico de Cultura e este e o Seminário de Angra são apontadas como instituições que devem promover a fé - cultura e valorizar a Formação na Diocese.

8.A vida das comunidades vive muito de um **modelo evangelizador tocado pela religiosidade popular**, por um processo catequético longo mas frágil, por uma pastoral familiar incipiente e de pouco cunho social. A pastoral social vive desgarrada sem coordenação e sem movimentos que a consolidem.

3.2. Propostas e desafios

1. **Aumentar a proximidade e a abertura da Igreja** - A Igreja de hoje é desafiada a sair do conformismo, da rotina, indo ao encontro do outro, seja ele quem for, sem medos, julgamentos prévios ou aceções. A palavra de ordem é “acolher”, de forma simples e caritativa, sem falsos moralismos. As pessoas exigem que a Igreja seja mais acolhedora, escute, oriente e acompanhe. Uma Igreja menos clerical, mais próxima, mais simples, mais terra-a-terra.

Há que promover o acolhimento de todos os cristãos que procuram a Igreja apenas como prestadora de serviços (batismos, primeiras comunhões, crisma, funerais e missas de 7º dia), de modo a que se “sintam” também como membros efetivos da Igreja.

Uma maior cooperação entre as paróquias como também entre os movimentos e serviços da Igreja - Temos que nos esforçar por continuar a viver em comunhão com todas as paróquias e, por conseguinte, ouvidorias da diocese, imbuídos de espírito missionário, de modo a caminharmos juntos com

e para Cristo. Devemos ainda ter consciência de que as nossas comunidades não devem estar fechadas em si próprias. Há necessidade de trabalharem de forma mais alargada, nomeadamente a nível de ouvidorias.

Tendo em conta a nossa realidade arquipelágica nota-se que a vivência diocesana não é igual em todas as ilhas, o que provoca um entrave a uma verdadeira ação conjunta. Ilhas diferentes requerem que haja um conhecimento local muito profundo, apostando em ações locais para se conseguir que a Diocese avance toda ao mesmo ritmo.

Movimentos - É crucial que os movimentos se abram a toda a Igreja pois, embora limitados, têm uma espiritualidade e uma experiência de fé mais intensa e dinâmica. Os movimentos da Igreja são muito importantes para o nosso enriquecimento, contudo podem/devem atualizar a sua linguagem e modo de ação, ser ainda mais missionários. Incrementar a comunhão entre os diversos Agentes de Pastoral para se conhecerem melhor, aprofundarem e vivenciarem a sua fé nos seus ambientes.

2. **Tornar a Igreja mais presente** - Pede-se que a Igreja seja presença e testemunho, começando pelas famílias e passando por todos os ambientes. Seja exemplo visível em tempo de profundas mudanças. Seja interventiva nas questões sociais, mostrando um rosto humano à maneira de Cristo. Uma Igreja mais atenta e atuante na nossa sociedade, nomeadamente, junto dos doentes, dos pobres e excluídos. Uma Igreja que atenda ao clamor da juventude, a quem é necessário dar vez e voz, pois é nela que reside a esperança e o futuro.

É importante ouvir as pessoas, escutar quem está de fora. Sente-se a necessidade de a Igreja (consagrados e leigos) estar presente nos sofrimentos da vida (pobreza, desemprego, dependências, doença, morte, etc.) de uma forma iluminadora. Defesa do modelo de família cristã, baseado no amor, privilegiando o combate aos males que a afetam, como sejam a droga, o desemprego, o álcool, a pobreza, situações que favorecem a desestruturação da família.

Relação com sociedade e problemas sociais - Uma Igreja interventiva nas questões sociais, mostrando um rosto humano à maneira de Cristo. O clamor das pobreza e das realidades de vida das nossas famílias, de todos e especialmente dos mais novos. Uma Igreja que se empenhe para debelar a droga, desemprego e desestruturação da família.

3. Atualizar o discurso da Igreja - A Igreja tem de acompanhar os novos tempos, cativando e atraindo os que estão afastados. Adaptar as homilias à realidade, utilizando um vocabulário apropriado ao público. A Igreja tem de se adaptar à nova realidade social, perceber como é que, atualmente, as pessoas vivem a sua fé. Os homens olham para a Igreja Diocesana como uma instituição fora do seu tempo, com rituais que mais parecem da Idade Média, com procissões e ritos arcaicos que pouco dizem às novas gerações, pelo que importa perceber que respostas eles procuram na Igreja que, na maioria das situações, está aquartelada nas sacristias.

Uma adequada utilização das redes sociais e o anúncio do evangelho, em eventos musicais, divulgando a música religiosa e em eventos desportivos ou colónias de férias.

4. Simplificar os processos e a linguagem - Simplificar a nível de linguagem e conteúdo os guias de apoio à catequese e ao Curso de Preparação para o Matrimónio, o serviço de apoio à pastoral familiar ou o serviço de liturgia. Apresentar um esquema relativo aos Cursos de Preparação para o Batismo para que estes sejam mais uniformes, a nível da Diocese, no que concerne aos conteúdos doutrinal, sacramental e litúrgico.

Relativamente à catequese, podia-se descomplicar a partir do 7º ano, designadamente, fazer catequese em conjunto com os outros anos e empregar criatividade nas sessões. Após o 6º ano a catequese não está a ser produtiva, sendo apenas uma obrigação para chegar ao Crisma.

Tornar alguns processos menos burocráticos (processos de matrimónio, nulidade de matrimónio, licenças ou autorizações para batismo ou crisma noutras paróquias que não a de residência, entre outros).

Linguagem, comunicação, proximidade - Uma Igreja mais inculturada, horizontal e inclusiva. Impõe-se passar de uma pastoral de manutenção para

uma pastoral de missão. Há que retomar a “pastoral de vizinhança”. Deve prevalecer a alegria do encontro, cultivo da humildade que faz com que haja uma organização de relações horizontais sem que isso implique a perda da reverência devida. Uma linguagem e um método que permita aos jovens se inebriarem pela mensagem de Cristo através da sua Igreja.

5. **Igreja Missionária** - Que não se limite a teorias, mas concreta e coerente com o Evangelho que anuncia. A palavra de ordem é “acolher”. A Igreja tem de colocar-se em movimento missionário. Tem de ser uma Igreja de saída, uma Igreja em “missão”.

6. **Catequese Família** - A renovação dos métodos de catequese para uma mensagem mais atual, embora com consciência de que, por si só, a catequese é manifestamente insuficiente. Existem pais que levam os filhos à catequese mas não os acompanham à Eucaristia; Aconselha-se uma catequese para adultos, principalmente dos encarregados de educação de catequizandos. Catequese familiar desde a base, apostando numa formação direcionada para as famílias, e para os diferentes agentes pastorais.

7. **Papel dos leigos** - Propõe-se que a hierarquia da Igreja, sempre que possível, delegue funções, descomplique, abra mais as portas aos leigos para os serviços diocesanos, deixe para trás clericalismos. É preciso renovar a confiança dos agentes pastorais no Espírito Santo, para isso é imprescindível a disponibilidade de fazer mais do que o necessário. É necessário que os leigos assumam os lugares que lhe estão previstos e que contribuam ativamente no crescimento da fé e nesta caminhada que nos propomos fazer.

8. **Formação** - Há, mas é preciso inovar, adaptar às necessidades reais no contexto atual. Formação permanente para todos os leigos sobre vários temas pertinentes na e para a sociedade atual, não esquecendo a formação da componente litúrgica e bíblica; Formação deve ter vários graus: um grau de formação popular ao alcance de todos, uma formação à distância bem organizada e outra através das Escolas de Formação Cristã das Ouvidorias. Promover o espólio cultural da Igreja, que é vasto e muito rico, contando a sua

história através de exposições e visitas guiadas, será certamente uma boa forma de evangelizar.

9. Maior esforço ao nível de coordenação e descentralização - A Diocese devia ter um Grupo Coordenador constituído por Presbíteros, Diáconos, Leigos, Religiosos/as que conjuntamente com o Bispo, tendo em conta o parecer das bases «sensus fidelium» pensasse e decidisse pastoralmente. O Organograma da Diocese devia ser “desconstruído” e “descomplicado” e apresentado em forma circular, comunicacional e funcional. A Igreja tem demasiada organização que poderá criar obstáculos à sua ação evangelizadora, com muitas estruturas de aconselhamento.

Agir uniformemente, especialmente no que diz respeito a acesso aos sacramentos e à sempre problemática questão dos padrinhos. Uniformidade de critérios para que se fale a uma só voz em Igreja. Devemos remar todos para o mesmo lado. Não faz sentido que na mesma Igreja se aja de forma diferente em situações idênticas ou similares.

Propõe-se que a hierarquia da Igreja, sempre que possível, delegue funções, descomplique, abra mais as portas aos leigos para os serviços diocesanos, deixe para trás clericalismos, valorizando todos e cada um, através de um apelo individual à participação, consoante as próprias possibilidades e capacidades.

A Comissão Coordenadora da Caminhada Sinodal
Dia de Páscoa da Ressurreição, 12 de abril de 2020